



"Victoria Ocampo e a narrativa de sua experiência em Buen Pastor: entre cartas e ensaios. "

ANA BEATRIZ MAUÁ NUNES¹

Entre 1926 e 1956, a escritora argentina Victoria Ocampo e escritora chilena Gabriela Mistral se corresponderam de maneira assídua. Utilizaram as missivas como instrumento privilegiado para dialogar e esboçar seus respectivos projetos intelectuais, além de partilhar anseios, expectativas e frustrações no que diz respeito às restrições impostas às mulheres latino-americanas engajadas na produção intelectual. As escritoras foram apresentadas por intermédio de Maria de Maetzu, pedagoga, humanista e ativista pelo direito das mulheres à educação. À ocasião do primeiro encontro, Ocampo relata no ensaio publicado em homenagem a amiga, intitulado “Cartas à Gabriela”, o estranhamento inicial lançado de pronto por Mistral: “por quê você é tão afrancesada”? As diferenças entre suas origens sociais foi motivo para que não se reconhecessem, de imediato, como indivíduos capazes de nutrir uma identidade em comum. Por meio das correspondências, as escritoras converteram o estranhamento inicial na possibilidade de intercâmbio e de mútuo aprendizado. Esse diálogo, por sua vez, irá interferir em suas respectivas concepções de mundo e de América.

Em 1953, Victoria Ocampo passou vinte e seis dias na prisão de Buen Pastor sob o falso pretexto de que teria se envolvido em um ataque contra Perón. Escreveu à Gabriela Mistral relatando sua experiência no cárcere, que por sua vez articulou um abaixo assinado de figuras notáveis no âmbito das artes e da literatura, além de escrever diretamente à Peron exigindo a sua libertação. Os desdobramentos do evento indicam como a troca de correspondências entre mulheres intelectuais consistiu não somente um espaço de troca de experiências, como uma possibilidade de articulação política e intelectual entre escritoras. A narrativa elaborada por Ocampo em suas cartas serviu tanto como um espaço de reflexão sobre sua vivência em particular como uma ferramenta capaz de estabelecer uma forma de interlocução política. O atual trabalho tem o intuito de discutir a elaboração de uma narrativa a respeito da experiência de Victoria Ocampo no cárcere enquanto ponto central de seu

¹ Graduada em História pela Universidade de São Paulo, realiza mestrado em História Social pela mesma instituição. Bolsista FAPESP. Contato: biamauanunes@gmail.com

posicionamento político antiperonista por meio do cotejamento entre as cartas e o ensaio *La Hora de la Verdad*, nota-se o processo de construção de sua autoimagem enquanto intelectual antagonista ao governo de Perón.

Victoria Epifania Ocampo nasceu em 1889, no bojo de uma tradicional família portenha. De acordo com os ditames da educação tradicionalmente impostos para meninas de seu tempo e condição social, Victoria foi alfabetizada em francês, inglês, e posteriormente, em espanhol. (OCAMPO, 1982). As frequentes estadias na Europa despertaram seu interesse pela música, pelas artes e pela literatura, além de imprimir em sua formação pessoal e intelectual aquilo que Borges caracterizaria como o selo de “cidadã do mundo”. Motivada pelo desejo de conquistar alguma liberdade do controle familiar, Victoria celebrou matrimônio em 1912 com Luis Bernardo Estrada. A esperança de atender aos desejos de seus familiares e galgar certa independência foi solapada quando se deu conta que o matrimônio era inútil neste sentido, uma vez que do controle paterno passara aos ditames e regras do casamento. Por causa das limitações e dificuldades associadas às mulheres divorciadas à época, Ocampo permaneceu casada por anos com Estrada, apesar de sua separação efetiva. Seu ímpeto por independência e liberdade denunciava certa aversão aos costumes restritivos impostos às mulheres da aristocracia portenha, inclusive, o matrimônio e maternidade. Ocampo rompeu com tais expectativas ao se dedicar à sua carreira literária. A paixão pela literatura, aliada ao desejo de conferir sentido e ponderar sobre suas experiências pessoais, impulsionaram Victoria à escrita de ensaios e narrativas de caráter testemunhal, o seu gênero preferido. Entre 1935 e 1977, ela dedicou-se à escrita de sua autobiografia. Ao todo, são dez volumes contando relatos sobre suas vivências, visões de mundo e apreciações sobre a condição da mulher na vida pública, o projeto editorial de *Sur* e sobre sua produção literária. Para a narrativa autobiográfica, Ocampo apropriou-se de mecanismos de construção de memórias pessoais, com o intuito de reforçar sua auto-imagem. Enquanto extrapolava sobre a relevância de certos empreendimentos, outras lacunas permaneceram não preenchidas ou pouco exploradas.

Em contrapartida, a trajetória de Gabriela Mistral se diferencia em diversos aspectos. Nascida exatamente um ano antes de Ocampo em Vicuña, no Chile, seu nome de batismo era

Lucila Godoy Alcayaga. A escritora recebeu educação formal até os treze anos, quando abandonou os estudos para se dedicar ao trabalho e ao sustento de sua família, após o abandono de seu pai. Enquanto trabalhava como secretária durante o dia e professora durante a noite, Lucila compunha poemas, publicados com frequência no jornal de sua cidade. Ao longo dos anos, a jovem escritora participou de exames de qualificação pedagógica e conquistou posições no sistema educacional chileno prestigiosas para uma mulher como o de Diretora do Liceu. O reconhecimento e destaque no âmbito educacional, especialmente sobre temáticas relacionadas a educação indígena, resultou no convite para que trabalhasse no México durante o período pós-revolucionário, pelo então Secretário da Educação Pública, José Vasconcelos. A experiência no estrangeiro impulsionou sua produção ensaística. A partir de 1925, especificamente, Mistral se dedicou à publicação mensal de ensaios em dez jornais diferentes, em que narrava a experiência de latino-americanos na Europa: livros, pessoas, paisagens e outras temáticas que pudessem interessar ao número crescente de mulheres leitoras na América Latina. O comprometimento com a produção e mediação cultural marcou sua vida, caracterizado tanto por sua carreira na educação, quanto pela produção de obras literárias, como o livro de poesias *Desolación*, de 1922. Foi convidada a representar a América Latina na Europa, na Liga de Nações do Instituto de Cooperação Intelectual, e atuou como consulesa em diversos países, incluindo Espanha e Brasil. Consagrou-se internacionalmente enquanto escritora com a conquista do Prêmio Nobel de Literatura em 1945, sendo a primeira mulher latinoamericana premiada pela Academia Sueca.

Dedicadas à defesa de seus ideais, embora divergissem sobre sua concepção de “América”, ambas colaboraram para a emergência da América Latina no cenário cultural mundial, cada qual à sua maneira. A produção literária de Mistral contribuía para uma nação literária ainda em construção ao escancarar temáticas pungentes na sociedade chilena do período, cujo ápice do reconhecimento internacional acarretou em sua premiação no Nobel de Literatura. (QUEZADA, 2009). O comprometimento de Ocampo com a tradução, publicação e divulgação de obras estrangeiras e nacionais nas páginas da *Sur*, foi igualmente importante para a circulação de obras literárias, dentro e fora da América Latina. O conceito de identidade latinoamericana, sob o nome *americanidad*, perpassou as correspondências direta ou indiretamente. A preocupação em compreender os significados e sentidos de suas

respectivas origens foi manifestada com frequência nas missivas, e apesar do esforço de conferir precisão ao termo, não obtiveram êxito. Dialogaram sobre os significados da identidade latino-americana, sem jamais apresentar definições precisas ao termo: era um termo em construção e ressignificação.

A análise de correspondências enquanto fontes guarda certas peculiaridades no que diz respeito ao seu tratamento metodológico. O estudo das chamadas “escritas de si” deve ser pautado pelo entendimento de que, assim como as demais fontes escritas, os escritos autobiográficos e correspondências são produzidos por indivíduos orientados pelo ensejo de construir imagens sobre si mesmos e sobre suas trajetórias pessoais e intelectuais. (GOMES, 2004). Quando as correspondências integram epistolários de intelectuais e artistas, novas possibilidades interpretativas se descortinam no horizonte do investigador. A partir do epistolário de Mário de Andrade, Marcos Antônio de Moraes discute os bastidores do sistema literário no qual o escritor estava inscrito. A partir das correspondências, Moraes investiga os relatos do escritor sobre o empenho destinado a divulgação de projetos estéticos, suas divergências de projetos estéticos entre grupos e comentários sobre a produção literária e artística de outros escritores. Nesse sentido, quando se investiga correspondências trocadas entre intelectuais, é possível reconstruir aspectos de sua atividade. (MORAES, 2007)

A respeito da relação entre as mulheres intelectuais na América Latina, a crítica literária chilena Ana Pizarro formulou o conceito de invisible college. Este conceito define a articulação entre mulheres artistas e intelectuais latino-americanas por meio de correspondências, grupos de leitura e eventos sociais, promovidos com a finalidade de divulgar suas obras literárias e projetos políticos. Esta rede de sociabilidade concretizada por mulheres contribuiu para a projeção de artistas e escritoras no campo artístico e intelectual, graças à possibilidade de potencialização de seus discursos individuais. Ainda que não existisse unicidade estética, tampouco uma noção comum sobre a percepção de si próprias, essas mulheres produtoras de arte e literatura que integraram o invisible college latino-americano foram capazes de estabelecer diálogos transnacionais visando a sua inserção e visibilidade em meios culturais predominantemente masculino. (PIZARRO, 2003).

Utiliza-se aqui a definição postulada por Edward Said a respeito do intelectual. Em *Representations of the Intellectual*, Said define o intelectual como o sujeito responsável por manter posição crítica diante dos acontecimentos políticos e sociais. O intelectual promove discussões e reflexões, desmonta consensos e rompe com o status quo, e para isso deve estar em estado de constante alerta. Ainda que o intelectual desempenhe papel importante para a coesão de uma comunidade, ele não pode ser exclusivamente leal à sua classe, tampouco à sua identidade. Ao manter o posicionamento crítico, ele deve intervir na sociedade de forma a apresentar alternativas para os conflitos emergentes. Ele deve representar: [...] “a audácia de desafiar e representar mudança, de avançar, e não de permanecer”. A capacidade de promover questionamentos e reflexão crítica, segundo Said, está associada à possibilidade de manter certa independência institucional – acadêmica, religiosa ou profissional. (SAID, 1994).

Em diálogo com as discussões teórico-metodológicas brevemente mencionadas acima, deve-se considerar dois pontos a respeito do posicionamento antiperonista de Victoria Ocampo, manifestados em suas correspondências com Gabriela Mistral e o ensaio *La Hora de la Verdad*. Sua trajetória é imbricada e, em certa medida, indissociável, do periódico e da editora que fundou e financiou, a Revista e Editora *Sur*. Seu pensamento, assim como o da Revista, esteve marcado pela dualidade da presença de certo elitismo cultural, e que em contrapartida, se comprometia com a democratização do acesso da cultura internacional em seu país. O primeiro ponto a ser considerado refere-se à origem abastada de sua família que lhe garantiu uma educação europeizada: desde sua alfabetização precoce em francês às viagens costumeiras ao velho mundo, a escritora elegeu a Europa enquanto ideal civilizatório e referencial para cultura e para as artes. O segundo – e mais relevante - diz respeito ao seu posicionamento enquanto intelectual, fundadora da revista e da editora *Sur*.² A concepção de Ocampo era compartilhada por uma parcela significativa do corpo editorial do período e havia sido

² A fundação e manutenção da Revista *Sur* é fruto do empenho pessoal de Ocampo, inclusive pela disponibilidade de recursos para sustenta-la financeiramente. O esforço imensurável de Ocampo para promover a integração cultural entre a Argentina e um circuito internacional de divulgação e circulação de artes, cultura e literatura. Renomados escritores europeus e norte-americanos publicaram na Revista *Sur* ou tiveram suas obras traduzidas pela editora para difusão no país. Inclusive, nomes de peso da área literatura e das artes também integraram o corpo editorial da revista. Sustentada pelos incentivos financeiros de Ocampo e seu comprometimento com a continuidade da revista, *Sur* conquista notabilidade no meio acadêmico e cultural latino-americano.

influenciada pelo liberalismo político e cultural. Essa concepção foi duramente criticada em uma época em que os intelectuais eram convocados ao engajamento direto, político e social, na América Latina. Apesar disso, a perspectiva de Ocampo e do corpo editorial influenciou diretamente projetos estéticos e intelectuais.

A crença de Ocampo na “república do espírito” partia do pressuposto de que os intelectuais deveriam assumir postura “clerical”, isto é, abster-se de disputas políticas do presente para não serem influenciados ou conduzidos por elas, e orientou muitos de seus escritos. As artes, a literatura e a música seriam, portanto, universais e ultrapassariam as barreiras nacionais, com o objetivo de estabelecer pontes e diálogos sem a interferência direta dos acontecimentos do presente. A defesa da universalidade da cultura esteve aliada a proposta de integração das massas através da cultura: a concepção do “homem-médio” ocasionado pela massificação empreendida por governos totalitários teria criado indivíduos incapazes de exercer sua capacidade de livre pensamento. A distinção entre o intelectual e as massas esteve à serviço e sua legitimação enquanto o guardião de saberes universais e, portanto, o responsável por instruir as massas por meio das artes e literatura.³

A continuidade da revista era um tema recorrente em seus escritos. Ocampo sempre descreve seus esforços imensuráveis para garantir a manutenção de *Sur*, vez ou outra questionando se tamanha dedicação era válida. Com a atuação da censura peronista, que ela em certa medida exagera, e a desvalorização do peso, a existência da *Sur* estava comprometida.

“Para resumir, estou fazendo um esforço supremo para continuar. Vinte e cinco anos de existência para uma revista – e destes 25, dez sob uma ditadura determinada a demolir a cultura e liberdade de pensamento – não é pouco. Geralmente, as revistas que são suficientemente sortudas para sobreviver em condições normais para um cachorro.” (OCAMPO, 1951)

³ Além de Ortega y Gasset, Ocampo e os colaboradores de *Sur* revisitam Sarmiento e a tradição liberal na Argentina. Essas ideias, construídas ao longo de intensas discussões entre este circuito demonstram que a política está bastante inserida no pensamento desses intelectuais, de modo complexo e nem sempre direto.

Em outras situações, a condição das mulheres na sociedade argentina em particular reaparece em carta destinada à Gabriela Mistral em 1955. No excerto, Victoria discorre sobre a construção de um estereótipo de feminilidade reforçado na figura de Eva Perón. A utilização da imagem de Evita para assegurar a aproximação com as classes populares foi denunciada por Ocampo como uma tentativa de falsear a representatividade de mulheres pobres.

“A Argentina é uma doença lamentável, agravada pelo falso feminismo do peronismo e pelos modelos desastrosos de “mulheridade” que o Peronismo utilizou para suas finalidades políticas. Sobre essa questão, nós conversaremos sobre os problemas de mulheres em todas as situações, de acordo com a escolha dos contribuidores.” (OCAMPO, 1955).

Embora defendesse a não interferência direta do intelectual nas disputas do presente, Victoria Ocampo manifestou-se a favor política pelos direitos da mulher em seus ensaios e cartas. De acordo com sua visão, durante o primeiro regime Perón, essa disputa assume duas feições opostas. A primeira seria encabeçada por ela própria, filha da oligarquia e altamente educada, e do outro, Evita Perón, uma representante da classe trabalhadora. Evita seria uma contradição, pois embora se mobilizasse em prol do sufrágio feminino, que conquistado em 1951, agiria apenas sob o comando de Perón e era submissa aos interesses dele. Em correspondência à Mistral, Ocampo tece duras críticas aos esforços de Evita pois eles seriam uma prerrogativa de Perón para instrumentalizar a luta feminista em prol de outros interesses políticos ou partidários.

Nas correspondências, Ocampo discorre sobre como o enrijecimento do regime peronista afetou diretamente a vida pública. Ela não era bem vista aos olhos do governo e de intelectuais aliados ao Estado por causa do fervor de seu cosmopolitismo e sua origem abastada. As primeiras denúncias da escritora acontecem em carta destinada à Mistral, onde discorre sobre a vigilância da polícia peronista incidindo sobre si e sobre a revista:

“Dizer que a vida se tornou desagradável na Argentina é dizer muito pouco. Para adquirir meu certificado de boa conduta, fui obrigada a dar dois depoimentos para uma seção especial da polícia. Eles me interrogaram por horas. Eles fizeram buscas em Sur e em minha residência privada. Você deveria saber que entre dois ou três meses atrás, apareceram cruzeiros nas

portas de pessoas da oposição, cujo único crime foi não ceder ao peronismo. No meu caso, eles puseram duas cruzes. Essa distinção me honra". (OCAMPO, 1952).

Ocampo foi obrigada a dar declarações a respeito da atividade de Villa Ocampo, do conteúdo e da natureza de seus encontros com outros intelectuais, identificados pela política peronista como subversivas. Vale ressaltar que à época, a residência de Victoria hospedou escritores e artistas internacionais, inclusive a própria Gabriela. Na ausência de materiais suficientemente capazes de justificar a atividade subversiva, a escritora foi presa sob falso pretexto. A justificativa era a de envolvimento de Ocampo em um atentado contra a vida de Perón. Na época, Victoria era uma senhora de sessenta anos.

Em uma longa e detalhada carta, Ocampo descreve meticulosamente seu cotidiano em Buen Pastor – de suas refeições ao horário de descanso, a ducha fria e o ronco das detentas que perturbava seu sono.

"Passei vinte e seis dias em Buen Pastor (...). Os horários da prisão eram o seguinte: chá mate às 6h30, trazido por uma pobre jovem que havia assassinado seu perverso amante. Permanecíamos atrás das barras até 11h, quando íamos caminhar no jardim onde as roupas da prisão eram lavadas." (OCAMPO, 1955)

Em novembro-dezembro de 1955, *Sur* lança a emblemática edição 237. Sob o lema "Pela Reconstrução Nacional", o dossiê consiste na concreta manifestação antiperonista do corpo editorial ao passo em que se propõe a rever o peronismo do ponto de vista intelectual e traçar novos caminhos para sociedade argentina. O *issue* da revista fora planejado com certa antecedência – a publicação deveria conter, em suma, a denúncia dos duros anos de censura, da perseguição de intelectuais e do livre pensamento na Argentina, após a queda do "tirano".

A reunião de artigos destinados a pensar a questão do peronismo convocava os leitores à reflexão e a sugestões para novos caminhos, e especialmente, problematizar qual seria o papel desempenhado pelos intelectuais daquele momento em diante. A argumentação de Ocampo em seu ensaio, assim como Borges em *L'illusion Comique*, apontavam para a mesma concepção já defendida previamente pelo grupo. A liberdade enquanto valor inviolável seria

alcançada através da educação cultural das massas, promovida pela intelectualidade. A figura do intelectual emerge enquanto um agente social universal, defensor da verdade e da liberdade de pensamento independentemente das disputas políticas do presente.

O fervor do liberalismo político e cultural tão defendido por Ocampo, partilhado pelos demais colaboradores da Sur, define a tônica de seu ensaio de abertura, cujo título aponta, *A Hora da Verdade*. Aos olhos de Ocampo, o título emblemático sugere ao mesmo tempo o retorno à voz, à possibilidade de se manifestar publicamente após um passado mentiroso, e ainda, indicar o caminho a ser seguido pela sociedade argentina como tentativa de recuperar-se de um passado falseado. Neste ensaio, a escritora defende a ideia de que os ataques à liberdade de imprensa, circulação e pensamento não se restringiam ao cerceamento individual, e sim, aos valores mais caros a qualquer sociedade moderna: a livre produção intelectual e cultural.

O impedimento direcionado ao impulso pela manifestação artística e intelectual, de acordo com Ocampo, representava o maior afrontamento possível a integridade humana. Embora breve, *La Hora de la Verdad* apresenta ao leitor a sua experiência na prisão de Buen Pastor e proposições de cunho político, legitimadas pelo tom autobiográfico. Ao contrário dos mecanismos de elaboração textual presentes na carta, responsáveis por reforçar a condição de seu sofrimento na prisão – a descrição seus hábitos na prisão, as dificuldades de comer e de dormir -, Ocampo elabora uma sofisticada narrativa, capaz de edificar uma imagem martirizada de si própria: o cárcere material nada se comparava ao sofrimento causado pelo temor e vigilância que assolavam as ruas de Buenos Aires.

Por meio da definição do que é uma cadeia e do que são prisioneiros – aqueles impedidos do exercício de liberdade -, Ocampo extrapola a noção de cárcere material e estabelece a noção de *cárcere imaterial*. Ainda que imperceptível, as massas experimentaram, assim como ela própria, o “encarceramento”, quando são impedidos de exercer liberdade de pensamento, restrição ocasionada pela censura e perseguição do governo peronista. O sofrimento de Buen Pastor era equiparável ao da condição ilusória da população nas ruas

“¿Qué es un preso? Un preso es un hombre que no tiene derecho de vivir sin que cada uno de sus gestos, de sus actos, sea controlado,

interpretado. No puede pronunciar una palabra sin exponerse a ser oído por un tercero que hará de esa palabra el uso que le dé la gana. Cada línea que escribe es leída, no sólo por la persona a quien va dirigida, sino por indiferentes, quizá hostiles; de ellos dependerá que esa línea llegue o no a su destinatario. El preso es espiado aún cuando duerme. ” (OCAMPO,1955b:4 apud SARLO, 1997)

Através da definição do que representa um preso, a escritora conclui que as ditaduras e governos autoritários transformam a sociedade em prisões mentais coletivas. O medo do cárcere material e da violência impedem o livre pensamento e a racionalidade, e por este motivo, a sociedade argentina vivia uma época de falseamento e mentiras. A argumentação elaborada por Ocampo ao longo de seu ensaio baseia-se neste paralelo, da teórica similaridade entre a vida em Buenos Aires sob os ditames do governo Peronista e a prisão de Buen Pastor. A verdade trazida à tona por Ocampo corresponde à denúncia de um estado de perpétua violação das liberdades individuais, acompanhado do falseamento da realidade. Um indivíduo sentia-se mais livre na prisão do que na rua, pois, ao menos, sabia que estava vivenciando a realidade.

O desejo de provocar alguma comoção ao leitor se faz presente no ensaio por meio da constatação de que independentemente de qual fosse o sofrimento experimentado na prisão, nada se comparava ao medo que tomou as ruas de Buenos Aires. As camadas populares estariam sendo guiadas por um sentimento de falsa liberdade, sem perceber que o pior dos males causado pelo governo peronista era direcionado a elas. O estado de vigília no qual se encontrava Ocampo, evocado em suas missivas para Gabriela Mistral – a incapacidade de dormir, ou quantificar o tempo, impossibilitaram qualquer descanso – não são informações presentes no ensaio, mesmo que apresentado em tom testemunhal. Nota-se, então, a diferença fulcral entre a narrativa privada e a narrativa pública arquitetadas por Victoria Ocampo. A presença de algumas informações em detrimento da ausência de outras indica necessariamente o desejo consciente da escritora de marcar um posicionamento político através do ensaio. Por este motivo, transforma os elementos de construção de sua narrativa para alcançar o efeito desejado: de marcar sua posição enquanto intelectual

Seu ponto de vista, respaldado pelo argumento de autoridade da experiência vivida, é legitimado e reforçado pela utilização do gênero testemunhal, tão caro à autora. Paulatinamente, Ocampo se distancia da imagem da narradora fragilizada, em estado de vigília e medo constantes, tomada pelo temor e pela desconfiança, que se fez tão presente nos registros destinados à Gabriela Mistral. Em seu ensaio, assume-se um sujeito sofrimento relativo, já que incomparável ao sofrimento inconsciente dos demais. A mesma experiência é retratada de formas diferentes, objetivando um efeito igualmente diverso.

A neutralização de seu sofrimento no cárcere para a edificação de uma narrativa objetiva e concreta em seu ensaio, pode ser entendida como uma forma de “masculinizar” sua voz. Sua busca por auto expressão era frequentemente solapada pelas barreiras de seu gênero, e como indica Molloy, Ocampo sempre fala se não com voz masculina, *através* da voz masculina. Esta operação está carregada de ambivalências, conscientes ou não: inserida num sistema de representação masculino, o único a sua disposição, Ocampo não dispõe a seu favor dos mecanismos de representação pessoais; em segundo lugar, a sensibilidade com a qual discorre sobre a prisão não se faz presente no ensaio de *Sur*. (MOLLOY, 2013). A tentativa de construir uma imagem pública capaz de sustentar Ihe enquanto uma mulher, forte, necessariamente implicava em certos silêncios e apagamentos que poderiam por ventura, fragilizar sua imagem perante o público. Neste sentido, o seu ensaio para a revista *Sur* não somente apara as bordas de um relato sentimentalista pelo ensejo de marcar um posicionamento político antiperonista, como pelo medo de fragilização associado ao seu gênero.

Em contrapartida, nota-se a instrumentalização das correspondências como forma de manifestação de posicionamento político antiperonista em relação a outros intelectuais. À época, Mistral não era apenas uma amiga e confidente, como uma notável escritora, vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1945. Mistral foi a principal responsável pela mobilização de escritores contra a prisão de Ocampo. Compreende-se que o detalhamento de Ocampo em sua correspondência tenha sido uma forma de articulação política para conquistar notoriedade sobre seu caso, ao mesmo tempo em que reforça a noção de que fora extremamente perseguida pelo regime de Perón, cuja intensidade pode ser relativizada.

As distinções entre a carta enviada à amiga e o ensaio publicado posteriormente indicam como a construção do pensamento antiperonista de Victoria Ocampo não se concretizava somente em sua produção ensaística. As correspondências tornaram-se um instrumento importante na manifestação de seus preceitos políticos, especialmente, por manter correspondências assíduas com intelectuais e figuras notáveis da época. Em certa medida, também colaboram para a imagem construída sobre Ocampo de intelectual perseguida política. Como discute Judith Pudlubne, a censura e repressão à Revista *Sur* foram questionadas em relação à frequência e intensidade, uma vez que em comparação ao rádio e jornais, por exemplo, não tinha o mesmo efeito direto sobre a população. (PUDLUBNE, 2014). O antiperonismo de Victoria Ocampo e a sua imagem de perseguida política e mártir fora arquitetada e reiterada ao longo de sua vida, e embora nem sempre se manifestasse publicamente sobre o assunto, elaborava esta narrativa em suas escritas autobiográficas. Por fim, o cotejamento entre as cartas e o ensaio de tom autobiográfico apontam para a existência de singularidades associadas a cada forma de escritos autobiográficos, diretamente influenciadas pela sua forma de circulação. Em *La Hora de la Verdad*, a experiência pessoal de Ocampo emerge não como uma denúncia encerrada em si mesma, mas como um argumento utilizado para ilustrar o “cárcere imaterial” de governos ditos totalitários, isto é, esteve à serviço da legitimação de um posicionamento político da escritora.

Bibliografia

- Pizarro, A. El “invisible college”: mujeres escritoras la primera mitad del siglo XX. Cuadernos de América sin nombre, p. 163-176, 2004.
- ARYEZA, Laura de Castilho. Victoria Ocampo. Barcelona: Circe, 1998 BARRANCOS, Dora. Mujeres en la sociedad argentina: una historia de cinco siglos. Buenos Aires: Sudamericana, 2007.
- BEIRED, José Luis Bendicho. Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina. São Paulo: Loyola/História Social-USP, 1999
- BERGMANN, Emilie L. Women, culture, and politics in Latin America. Berkeley: University of California Press, 1990
- BUCHRUCKER, Cristián. Nacionalismo y peronismo. La Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955). Buenos Aires: Sudamericana, 1987
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da História Oral. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.
- BURKE, Peter. A Escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 2011
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. Multidões em cena – Propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- CIRIA, Alberto. Política y cultura popular: la Argentina peronista. 1946-1955. Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1983
- CHARTIER, Roger. A história cultural; entre práticas e representações. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1990.
- _____. “As práticas da Escrita”. In: ARIÉS, Philippe. (orgs.) História da Vida Privada: Da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 3, pág. 113 - 161
- _____. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). Cadernos Pagu (4) – fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, pp.40-42. 1995,
- COSTA, Claudia de Lima. “O tráfico de gênero” in Cadernos Pagu, vol II, 1988. P. 127 – 140.

- DUBY, George; PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente*, v. 4, Porto: Edições Afrontamento, 1995.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2008.
- GAY, Peter. *A Experiência Burguesa. Da Rainha Vitória a Freud: O Coração desvelado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GARRIDO DONOSO, Lorena. *Género epistolar y hermandad artística en la poesía de mujeres de la primera mitad del siglo XX*. Lit. lingüíst., Santiago, n. 29, p. 10-15, 2014.
- GOIC, Cedomil, "Recado a Victoria Ocampo, en la Argentina", de Gabriela Mistral" In: *Estudios filológicos* 45: 35-47.2010.
- GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- GRAMUGLIO, Maria Teresa. "Sur en la década del 30: una revista política". *Punto de Vista* n° 28, novembro de 1986
- KING, John. *Sur: estudio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura. 1931-1970*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989
- LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay 1890-1940*. Santiago, Chile: Ediciones de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2005
- MANZANO, Rolando "Recorrer la vida desde la vereda contraria" In: *DIBAM, Revista Patrimonio cultural* N° 46, Santiago: Año XIII, 2008.
- MARTING, Diane. *Spanish American Women Writing: a bio-bibliographical source book*. New York: Greenwood Press, 1990
- MATAMORO, B. *Genio y figura de Victoria Ocampo*. Buenos Aires: EUDEBA, 1986.
- MEYER, Doris (1996) "The Early (Feminist) Essays of Victoria Ocampo," *Studies in 20th Century Literature*: Vol. 20: Iss. 1, Article 4. <http://dx.doi.org/10.4148/2334-4415.1380> 2010.
- MOTTA, Romilda Costa. *Práticas e representações de si: Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão*. Tese de doutoramento, FFLCH/USP. 2015
- MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.
- MORA, C. (s/d). *Mistral y las vanguardias*. Centro Virtual Cervantes, 2008.
- NEIBURG, F. *Os intelectuais e a invenção do peronismo: estudos de antropologia social e cultural*. São Paulo: Editora da USP, 1997.
- OCAMPO, Victoria e STEINER, Patricia Owen. *Victoria Ocampo: writer, feminist, woman of the world*. Tradução . Albuquerque, NM: University of New Mexico Press, 1999.

- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do Mundo. Ficção memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- PIZARRO, Ana. "Mistral, ¿qué modernidad?" In: LILLO, Gastón, and RENART, Guillermo (ed.). *Releer hoy a Gabriela Mistral: mujer, literatura y sociedad*. Ottawa: University of Ottawa Press; Santiago: Editorial de la Universidad de Santiago, 1997.
- _____. *Gabriela Mistral: el proyecto de Lucila*. Santiago: LOM; Embajada de Brasil en Chile, 2005
- PUDLUBNE, Judith. *El antiperonismo de Sur: entre la leyenda satánica y el elitismo programático. El hijo de la Fabula*, Catorce . 2014.
- .ROBIN, Régine. "La autoficción: el sujeto siempre em falta. In: ARFUCH, Leonor (comp.). *Identidades, sujetos y subjetividades*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.
- SARLO, Beatriz. *La Máquina Cultural: maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.
- _____, *La Batalla de las Ideas, 1943 – 1973*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.
- _____, *Woman's Writing in Latin-America*. Boulder: Westview Presse, 1991.
- SILVA, Paulo Renato da Silva. *Victoria Ocampo e intelectuais de "Sur": cultura e política na Argentina (1931-1955) / Paulo Renato da Silva - Campinas, SP : [s.n.], 2004.*
- SILVA, Jacicarla. (2015). *Em torno de um (in)visible college na América Latina*. *Universitas Humanistica*, 79, 165 - 189.
- SCHWARTZ, J. *Vanguardas latino-americanas: polémicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Editora da USP; Iluminura
- SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2002.
- _____, *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.
- TEITELBOIM, Volodia. *Gabriela Mistral pública y secreta: truenos y silencios en la vida del primer Nobel latino-americano*. Santiago: BAT, 1991.
- VÁSQUEZ, Carola Gabriela, *Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil / Carola Gabriela Sepúlveda Vásquez. – Campinas, SP : [s.n.], 2014. P. 10*
- VÁZQUEZ, M. E. *Victoria Ocampo: el mundo como destino*. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.
- _____. *Victoria Ocampo: una argentina universalista*. *Revista Iberoamericana*, v. XLVI, no 110111, 1980.



VEGA, Mirna Yazmín Estrella. Gioconda Belli: entre la liberación y la utopía. In: GUARDIA, Sara Beatriz. (Edición). Mujeres que escriben em América Latina. Lima: CEMHAL, 2007.

VILLORDO, O. H. El grupo Sur: una biografía colectiva. Buenos Aires: Planeta, 1993.